



Para o BNDES, crescimento continua até 1990.

Contrastando com o otimismo do presidente do BNDES, Jorge Lins Freire, para quem o processo de ajustamento da economia brasileira já está concluído, o ministro da Agricultura, Nestor Jost, está pessimista, embora tente disfarçar. Ontem, no Rio, Jost disse que a corrente inflacionária anda tornando as coisas "muito difíceis" e não se mostrou muito entusiasmado com as previsões de que, este ano, o PIB vai crescer cerca de 3%: "Diante das circunstâncias, isso traz alguma esperança", disse.

Um trabalho preparado pelo BNDES, no entanto, traz perspectivas muito melhores para o futuro da economia. Mesmo trabalhado com duas hipóteses — uma pessimista outra otimista —, o estudo prevê que, a partir deste ano, o Produto Interno Bruto terá sempre crescimento positivo, pelo menos até 1990, quando termina o período analisado.

Na hipótese pessimista, em que o BNDES considera que o governo do sucessor do general Figueiredo seguirá uma política econômica ortodoxa, "condicionada em grande parte pela renegociação da dívida e a inflexibilidade dos credores", o crescimento no período 1984/90 seria, em média, de 5%. Com isso, a renda per capita de 1980, a maior que o País já obteve, seria atingida apenas em 1990.

A previsão otimista, onde o novo governo se preocuparia primordialmente com o desenvolvimento econômico, retomando o investimento público, incentivando o se-

tor privado com uma política creditícia e monetária menos rígida e mudando a política salarial, acredita num crescimento médio de 7% ao ano, o que permitiria a recuperação da renda per capita de US\$ 1.828 obtida em 1980 dentro de três anos, ou seja, em 1987. Nas duas hipóteses, considerou-se que o cenário internacional manterá um desempenho semelhante ao deste ano.

Analizando apenas os próximos meses, o ministro da Agricultura, Nestor Jost, não demonstra muitas esperanças. Segundo ele, a tendência de alta da inflação "atrapalha tudo. O dinheiro para a produção está escasseando, as taxas de juros andam altíssimas, os intermediários ficam com quase todo o lucro, de modo que o produtor, principalmente o pequeno e o médio, caminha com dificuldade".

Nestor Jost não se anima a nenhuma previsão. Embora fale com entusiasmo da produção do mamão papaya na Bahia (cerca de 42 milhões de caixas só este ano), lembra o estado de perplexidade geral da nação com a alta inflacionária, "que não diminui como gostaríamos".

— Estamos fazendo um esforço muito grande — acentuou — para que as lavouras cresçam, mas esbarramos em tantos problemas alheios à nossa vontade que não se pode prever o que vai acontecer hoje ou amanhã. Considero essa anunciada taxa do aumento do PIB muito pequena, mas vamos trabalhar com o que temos.